

# LIMITAÇÕES

VISTO &  
VISTO  
não



O arbusto é nosso velho vizinho, o que não significa que seja nosso velho conhecido; por vezes moramos por tanto tempo num mesmo lugar e desconhecemos nossos vizinhos e somos desconhecidos para eles. Isso será uma outra história. Temos, muitos de nós, o hábito de nos assentarmos num mesmo lugar quando participamos dos cultos, e quantas vezes não conhecemos a história de quem se assenta ao nosso redor. Também merece outra história. Voltemos ao nosso arbusto: ele está posicionado em nossa praça do Ipê, próximo ao portão de entrada do nosso dia a dia. Está plantado num vaso quadrado; aos nossos olhos, o vaso pode ser tido como de tamanho médio; para as necessidades e anseios de nosso arbusto, é tido como bem pequeno. Ele é insistente e lutador, expande suas raízes em busca de nutrientes para sua sobrevivência e crescimento; o espaço é pequeno, apertado, extremamente limitador, mesmo para um arbusto. As raízes chegam ao fundo e às laterais do vaso e encontram forte resistência - o material de que o vaso é feito não permite a passagem. As resilientes raízes dão voltas numa incessante busca por crescimento, sua natureza não permite a estagnação; elas se entrelaçam numa frenética busca por espaço, sua natureza é a expansão; elas saltam da terra e se expõem aos nossos olhos, sua natureza é a liberdade. Passo constantemente por nosso arbusto, parece-me angustiado pela prisão em que está, parece-me pedir ajuda, a cada dia um clamor: “tire-me daqui”, “ponha-me no chão”, “conceda-me a liberdade”, “quero crescer”. O vaso está cumprindo seu papel, sua natureza é impor limites; nós o fabricamos para essa função. Ao passar, parece-me que ele demonstra incompreensão e espanto: “por que essas raízes fazem tanta pressão sobre mim?”, “por que querem me destruir?”, “por que não são agradecidas pelo fato de eu conter a terra que as alimenta?”, “elas não entendem que para isso fui criado?”. Fico a imaginar como seria o diálogo entre o arbusto e o seu recipiente a partir dessas visões distintas, lícitas e contrastantes.

Nós criamos instituições para o ordenamento de nossas sociedades, nosso viver comunitário solicita regras e limites. Todas as nossas instituições são limitadoras, são como nosso vaso na Praça do Ipê; nós as criamos para isso, essa é a natureza que imprimimos nelas. A questão a ser pensada é o quanto deve ser limitadora tal instituição que criamos. Passo a pensar na igreja em sua dupla natureza. A primeira natureza é a igreja que somos, homens e mulheres de todas as idades chamados, justificados e santificados pela ação amorosa do Deus Trino.

Essa igreja é universal, atemporal, invisível porque se alicerça na morada do Espírito Santo da vida daquele que crê em Cristo como Senhor e Salvador. O que somos é o que Deus faz. O limite para os arbustos que aqui estão plantados é alcançar a estatura do varão perfeito (Efésios 4.13). A segunda natureza é a igreja que organizamos, homens e mulheres de todas as idades que nos reunimos num lugar físico específico, onde criamos regras de convivência, que atendem a exigências legais, a igreja-instituição. Nossos problemas criam raízes e crescem no espaço institucional, geralmente pela nossa resistência às mudanças. As instituições que criamos são limitadoras e a igreja não é diferente: enquanto instituição, somos como o jarro da Praça do Ipê; enquanto servos e servas de Cristo, somos como o arbusto.

Uma igreja-instituição pode se tornar um vaso apertado para sua membresia, e isso não tem nada a ver com a quantidade de membros; tem a ver com o propósito que acredita ser chamada a viver e com a estrutura que utiliza para a execução do propósito. Uma igreja pode entender existir para atender às necessidades daqueles que a frequentam ou a procuram, suas ações têm um foco interno, um olhar para dentro. Para esse modelo vale apresentar a sugestão de McLaren: “Precisamos de uma eclesiologia que seja aerodinâmica, simples e menos desgastante e que consuma menos tempo. Quando emendamos programas a programas o tempo todo, nunca praticando retiradas estratégicas, ficamos em farrapos e finalmente desprezamos a igreja por ser a causa do nosso esgotamento. Às vezes precisamos admitir que tornamos a vida cristã mais difícil devido a estruturas complexas e exigentes que criamos. Precisamos escutar os “anarquistas”, que estão cientes de como o que é visível e físico pode trabalhar contra o que é invisível e espiritual. Precisamos voltar à prancheta e concebermos novas abordagens de estruturação da vida da igreja”<sup>1</sup>. Esse modelo limita o crescimento de seus membros; as raízes se entrelaçam, parecem brigar entre si em busca do alimento, conflitos são constantes.

Outra igreja-instituição pode ser um vaso espaçoso, percebe-se como chamada para atender aos clamores do mundo, o que inclui aqueles que a frequentam, os que a procuram, os que são indiferentes e mesmo aqueles que a rejeitam. Essa forma de ser potencializa o crescimento de seus membros; para manter tal crescimento, precisa quebrar-se e construir-se maior, sua estrutura é dinâmica e sensível ao Espírito. Lembra-nos McLaren: “Longe de tornar a organização obsoleta ou supérflua, o Espírito Santo é nossa fonte e nosso guia no sentido de como usarmos, descartarmos, substituímos e repensarmos estruturas. O Espírito Santo não ordena que seja colocado vinho novo em odres velhos – que não se dilatam para cumprir seu propósito – ou vinho novo em odre nenhum, mas antes vinho novo em odres novos”<sup>2</sup>. O vinho precisa de um recipiente que o contenha, que imponha limites; caso contrário, se perderá. A igreja-instituição necessita de uma estrutura que a sustente e que não a impeça de crescer. Toda estrutura que criamos é temporal, tem prazo de validade; quando não percebemos essa realidade prejudicamos o crescimento dos integrantes da estrutura. Toda estrutura eclesial que levantamos é temporal; quando a igreja-instituição não percebe essa realidade prejudica seu crescimento visível e invisível. Não há de se esquecer de que os odres novos de hoje serão os odres velhos de amanhã.

E como os arbustos se comportam nos diferentes vasos? Bem, isso é outra história!

*Pedro Jorge, Pr.*

---

1 MCLAREN, Brian D. *A igreja do outro lado*. Brasília, Editora Palavra, 2008, p. 152.

2 *Idem*, p. 146.

Como você se relaciona com a igreja-instituição?

Como você avaliaria a igreja-instituição de qual faz parte?

Que sugestões você daria para que sua igreja-instituição ofereça mais oportunidades para o crescimento espiritual dos membros?

Caso você tenha alguma dúvida ou queira compartilhar sua experiência escreva para:  
**ensino@batistadomeier.org.br**

Para **Visto& NãoVisto** anteriores acesse nosso site.

**Texto:** Pr Pedro Jorge Farias  
**Arte:** Luiz Menezes

**Igreja Batista do Méier**

Rua Hermengarda, 31 - RJ CEP 20710-010

Telefax: (21) 2599-3000

Site: [www.batistadomeier.org.br](http://www.batistadomeier.org.br)

E-mail: [igreja@batistadomeier.org.br](mailto:igreja@batistadomeier.org.br)

**Domingos:**

EBD: 9h • Celebrações: 9h, 11h e 19h

**Terças:**

Cultos de Oração: 6h30 e 14h

**Quartas:**

Quartas de Vida Plena: 19h30